

MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

# CONTOS DO GIN-TONIC

**IPCA**

# SUMÁRIO

A verruga	7
Gin sem tônica	9
Livre, cristã e ocidental	11
Carreirismo	15
Jogos olímpicos	16
A estratégia	19
FC, o banho e não só	21
O menino e o caixote	24
Facilidade	27
Discussão	28
Negócios ferroviários	29
Aviso urgente	31
O losango e a serpente	34
Julgamento definitivo	38
Ida sem volta	41
Meu sócia, o general	43
Última ceia	53
Xeque-mate	54
Babelite ou segismondo o babélico	56
Tropicália	62
Cinegética	64
Torah	65
Joãozinho volta a casa	66
Intervalo	72
Felina	73
Entre o tigre e o eufrates	76
Noivado	78
Desabamento	79
Sejam bem-vindos	82
Casamento	84

Título: Contos do Gin-Tonic

Autor: Mário-Henrique Leiria

1.ª edição: Editorial Estampa, 1973

2.ª edição: Editorial Estampa, 1976

Capa: Ricardina Fernades & Luís Ribeiro

Design: Ricardina Fernades & Luís Ribeiro

Impressão e Acabamento: Goldabel

© Copyright: Mário-Henrique Leiria

Editorial IPCA

Depósito Legal n.º 28.303/89

ISBN 972-33-0822-3

Regresso	85
Gulodice	86
Indústria caseira esqueletos lda.	90
Maternidade	92
Medicina tropical	93
A viagem, enfim	94
A velha e as coisas	97
Hitler? Não sei quem é	100
Cegarrega para crianças	104
Surpresas da pesca	106
A sombra	107
Kgb ataca ao entardecer	110
História exemplar	113
O bode imarcescível	115
Questão de terras	118
O discurso	120
Jornalismo	121
Repreensão	123
Explicação	124
Pôr-do-sol	127
Profissão é profissão	129
Shalom e vou-me embora	131
O que dizem os teus olhos	134
Engano	135
Cidade	136
Evocação	142
A perna e os outros	144
Cessar-fogo	146

## A VERRUGA

Estava eu sentado lá em casa, quando ouvi a minha tia dizer “uff!”.

Suspeitei logo que havia coisa. Fui ver. Tinha-lhe nascido uma verruga na orelha. Não me pareceu normal.

Procurei imediatamente o meu tio, que é brigadeiro.

– Vamos falar com o ministro – disse o meu tio.

Fomos.

O ministro, em princípio, não quis acreditar. Não podia ser, aquilo não era normal. Claro que não era normal mas eu tinha visto, e foi o que lhe disse.

– Nesse caso, o melhor será fazer como se não soubéssemos de nada – propôs o ministro. – O senhor já pensou o que isso pode causar? – continuou, ansioso. – Começam por aí a inquirir, a verruga complica-se, os anarquistas, sempre prontos para a insídia, aproveitam o momento, a greve surge, as coisas atrapalham-se, intervenção das Potências, a guerra, que sei eu? Não, não digamos a ninguém. Guardamos segredo, o Estado o compensará.

Olhei para o meu tio, brigadeiro como já tive oportunidade de fazer notar, e vi que realmente o caso parecia grave. No entanto, duvidando um pouco, inquiri ao ministro:

– A coisa é assim tão importante, Excelência?

– Mais que isso, meu amigo, mais que isso. A pátria está em tremendo perigo.

Senti que era a hora da decisão.

– Se a pátria periga, não desejo a mínima recompensa.

Comigo é assim. Pela pátria, tudo. Calarei.

Calámos.

Dias depois a minha tia recebia uma carta escrita pelo próprio imperador. Agradecendo. Louvando.

A carta ainda lá está. A verruga também.

Quanto a mim, continuo sentado lá em casa. Calado.

## GIN SEM TÓNICA

Uma garrafa de gin  
estava a preocupar  
o pescador  
a garoupa e o rodovalho  
não tinham aparecido  
pró jantar  
que fazer?  
telefonou ao ministro  
Da pesca e do Trabalho  
mas o ministro  
estava a trabalhar  
na cama  
com a mulher  
foi então  
que a garrafa de gin  
sugeriu discretamente  
porque não  
telefonar ao presidente?  
telefonaram  
o presidente da nação  
estava em acção  
na cama

com a mulher  
nessa altura  
até que enfim  
encontraram a solução  
o pescador  
foi para a cama  
com a garrafa de gin

## LIVRE, CRISTÃ E OCIDENTAL

A Galeria Bernardette fazia um negócio excelente e o senhor Balakian tinha todas as razões para estar satisfeito. Era raro o dia em que não vendia uma meia dúzia de frutas, quase sempre dos mais procurados autores. Nesse mesmo momento acabava de vender uma lindíssima banana com a assinatura de Tibor Gayo. Uma banana Gaayo realmente excepcional, com aquele alegre colorido tão poderosamente abstracto que caracterizava toda a fruta do artista.

A verdade é que a melhor sociedade, todos os apreciadores da capital eram seus clientes. Com frequência se ouviam comentários encomiásticos às magníficas frutas dos jantares mais apurados. Um banqueiro tinha que resolver grave problema de finança e era certo e sabido: no fim do repasto surgia a fruta com excelentes assinaturas. Com o ministro o mesmo: embaixador presente à mesa e pronto, lá estavam duas ou três peras Capristano naquele estilo forte e seguro do pintor. Realmente Capristano era caro mas ninguém discutia o preço. Valia o vendia-se bem.

Pois se ainda há dias me dizia o doutor Lesoto, o conhecido crítico:

- Meu caro, ontem, em casa do Gualtério, havia uma maçã e dois abrunhos de Júlia Jardim que eram um regalo.

Do melhor que lhe conheço, estou-lhe a dizer. E tão maduros!

Uma delícia.

Então aconteceu o Inesperado. Estava o senhor Balakian a polir uma para Terensky quando lhe entra pela Galeria uma alta patente do exército, da Casa Militar do Ducado.

Explicou ao que vinha, com exactidão militar. Sua Excelência dava, no dia seguinte, uma pequena recepção a uma delegação de deputados em visita ao país. Muito bem. Sua Excelência necessitava de uma série de obras para a sobremesa, das mais reputadas. Eram sessenta talhares. Logo no mínimo seriam sessenta peças escolhidas. O preço não interessava, era só o senhor Balakian apresentar a conta ao erário. Posto isto, o marechal retirou-se, avisando que mandaria pela fruta no dia seguinte, às seis da tarde.

O senhor Balakian ficou tremendamente preocupado. Nunca tinha grande acervo, não se podia conservar excessivamente a maioria das obras, sorvavam com enorme rapidez, era capital perdido. Deu um balanço ao que havia. Uma maçã e duas peras Capristiano, do melhor estilo, sóbrias profundas. Sete bananas Tibor Gayo, ultimamente a procura de banana baixara um pouco. Um ananás realmente extraordinário de Ferdnand, de um colorido assombroso nos múltiplos losangos. Meia dúzia de ameixas sortidas, com a alegria de Júlia Jardim, a imaginação metafísica de Carlos Clareie e a dignidade antiga de Mestre Rovira. Três melões casca de carvalho com motivos folclóricos e não assinados, coisa própria para estrangeiros e, finalmente, uma pera e três laranjas de Terensky, fulgurantes de abstracção. Feitas as contas, eram vinte a uma obras, embora se pudesse considerar o ananás e os melões como obras não unitárias. Bem vistas as coisas, digamos que podiam corresponder a quarenta talheres. Era o diabo, os convivas eram sessenta, conforme informara o marechal da Casa Militar. Uma encrenca, essas coisas não podem ser feitas assim de repente, arrelhiava-se o senhor Balakian. Passou a tarde a telefonar para os artistas mais conceituados, mas nada. Uns não tinham tempo, outros faltava-lhes fruta apropriada, outros ainda estavam ocupados com peças de grande porte, como abóboras, de factura exigente e demorada.

A noite, desesperado, mandou-me um recado de aflição pela Remualda da caixa que aparece umas vezes por outras cá por casa. Pensei um pouco, disse à Remualda que se pusesse à vontade que eu não me demorava e atirei-me para o telefone do PRAXIS, logo ali em frente. Enquanto sorvia um gin, liguei para o Militão Cuba, sabem, que vive em Balmoral. Ora, como também sabem com certeza, Balmoral é uma vila famosa pelos fenómenos constantes: já deu um nabo dos sete quilos, um pianista búlgaro de dezoito meses e um frango com três pernas, isto que me lembre agora.

O Militão estava em casa e disse-me, eficaz como sempre, que lhe parecia poder solucionar a coisa. Eu que lhe aparecesse por lá logo de manhã e então se veria. Não quis explicar mais nada.

Passsei a noite preocupado, embora não muito e, mal foi dia, corri à Galeria a comunicar o facto ao senhor Balakian. Aporrinhado como estava, viu ali a salvação e disse-me que usasse o seu helicóptero, para ser mais rápido.

As onze e meia estava de volta. O Militão arranjava tudo, com o mais recente fenómeno de Balmoral: uma tremenda melancia de vinte e sete quilos, de um verde radioso! Uma superfície ideal para a pintura paisagística, uma abundância excelente para os convivas que restavam.

Mas havia que acabar a obra. Tinha de ser rápido. O senhor Balakian, já de certa idade e com aquela complicação às costas, não tinha cabeça para nada. Lembrei-lhe o Fujimoto, no seu clássico paisagismo asiático, rápido na execução. Era o indicado, se estivesse livre. Isso mesmo, o Fujimoto, concordou o senhor Balakian e cedeu-me o carro, logo ali, para me atirar ao assunto.

Fui e vim em meia hora, numa loucura de volante, com Fujimoto, as seringas de Pravaz, os pincéis fininhos e as lacas apropriadas. Prometemos-lhe tudo e pusemo-lo numa azáfama criadora.

Ao quarto para as seis a paisagem oriental, exacta, delicada, de suave colorido, envolvia a enorme esfera verde.

Na verdade, um dos melhores Fujimoto que me fora dado ver, se não o melhor.

Às seis a fruta era entregue ao enviado especial da Casa Militar.

Dias depois o senhor Balakian recebia do erário o cheque magnânimo e, cerca de um mês após a recepção. Sua Excelência agradava-o com o colar do Mérito Agrícola Cultural. A melância fora um êxito completo, o país saíra-se airosamente, com elogios unânimes dos deputados estrangeiros maravilhados.

Quanto a mim. recebi três nêspas que o senhor Balakian me ofereceu com eterna gratidão. Três nêspas excepcionais, devo dizer, com originalíssimas colagens do Senegal Júnior.

Souberam-me muito bem.

## CARREIRISMO

Após ter surripiado por três vezes a compota da despensa, seu pai admoestou-o.

Depois de ter roubado a caixa do senhor Esteves da mercearia da esquina, seu pai pô-lo na rua.

Voltou passados vinte e dois anos, com chofér fardado.

Era Director Geral das Polícias. Seu pai teve o enfarte.

## O MENINO E O CAIXOTE

**N**ão pode ser-disse o senhor Sousa ao filho, o Ernestinho de oito anos.

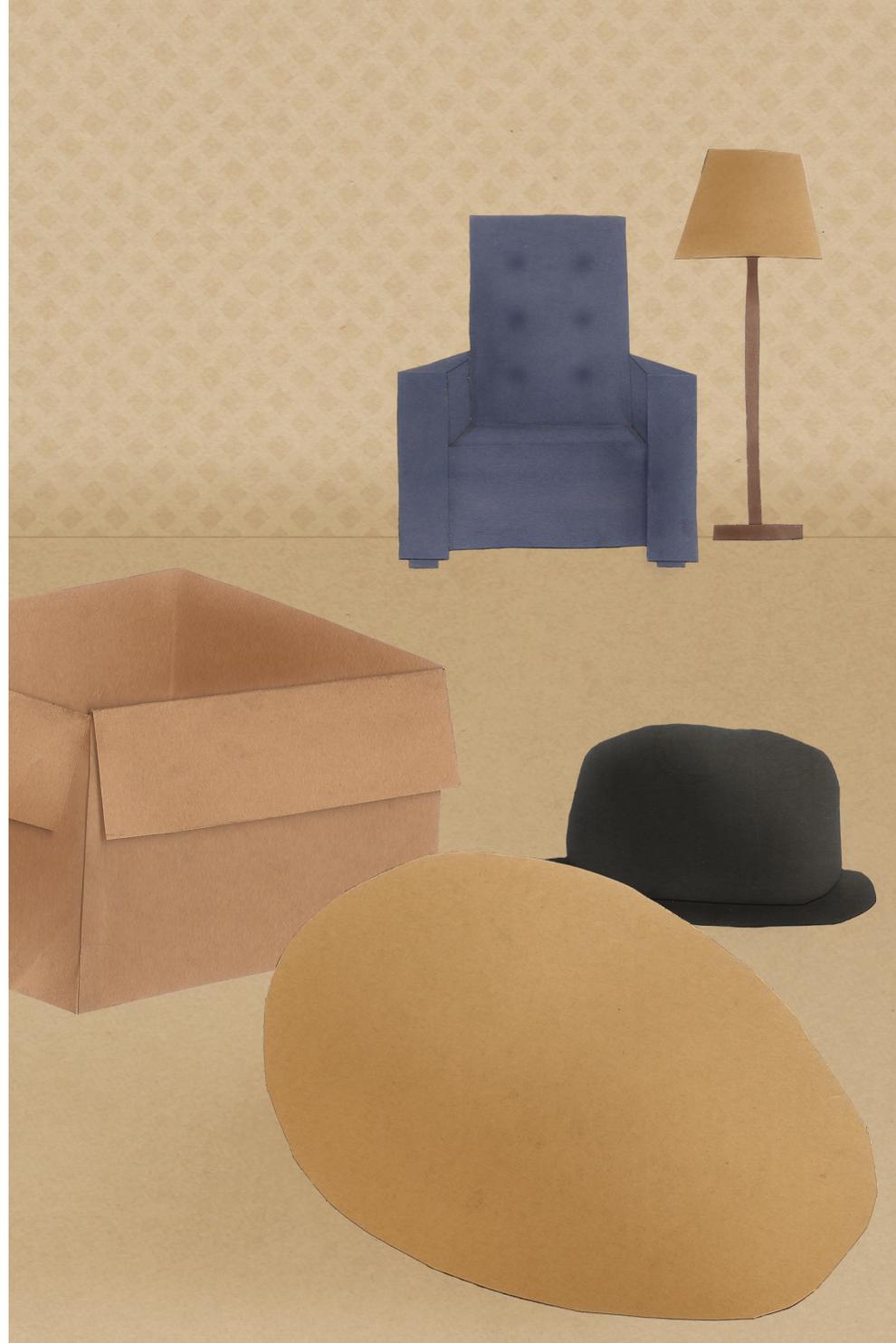
- Mas, papá, eu vejo nos filmes. Todos têm - afirmou a criança, à procura de uma salvação para aquilo que lhe parecia um desejo certo.

- Onde é que já se viu um leão em casa? Só nessasfitas idiotas. E, além disso, o menino não vê que não há espaço? Para a semana arranjo-lhe um gato bonito, daqueles que

bebem leitinho e fazem miau.

O Ernestinho desistiu de convencer o pai. Para quê? Era um homem com bigode. sempre a explicar o que não era preciso. Nem sequer percebia de leões. Sentou-se no chão a pensar. Com certeza que devia haver um leão ali em casa. Aquilo não era a vassoura atrás da porta, nem a cadeira larga da mãe dormir aos domingos, nem sequer o embrulho do lixo à espera de ser deitado fora. Foi investigar, toda a gente sabe que os leões estão onde menos se espera.

Na cozinha, lá ao fundo. estava o caixote vazio que trouxera as compras da Cooperativa. O Ernestinho pousou-lhe a mão, acariciou-o com ternura e um certo receio. O caixote rugiu e sacudiu



a areia amarela e antiga que lhe aquecia a juba. O menino puxou-o ao de leve, como quem ensina e

acompanha, e o caixote seguiu-o. pisando firme. O Ernestinho sentou-se no chão da sala. Entre o sofá e a mesinha da televisão o caixote ficava mesmo bem, confortável, como na caverna onde nascera e dera o primeiro rugido.

– Agora vamos caçar, Baluba – explicou o Ernestinho ao caixote.

– Que faz o menino aí com esse caixote? – perguntou severamente o senhor Sousa, abrindo a porta, de sobrolho franzido.

O menino olhou para o pai, assustado, e depois para o seu amigo Baluba.

– Mata o velho, Baluba! – gritou, num desespero. O leão saltou veloz e, com uma única dentada eficaz, arrancou a cabeça do senhor Sousa.

## FACILIDADE

Quando fez a primeira comunhão  
o pai explicou-lhe  
com honesta rectidão  
as comunhões são como os bonés de caça  
basta tapar as orelhas  
e já está  
tens o que desejas  
ficas logo comunhado  
gostou  
e comunhou-se mais três vezes  
sempre atento e preocupado  
mas era fácil dai em diante  
teve a certeza  
bastava tapar as orelhas  
era só  
era uma beleza  
pronto  
orelha protegida  
e comunhão logo garantida

## GULODICE



A maior parte das pessoas come bolos executando uma espécie de rito. Olha-os, regala-se por antecipação, observa a forma e a cor, entrega-se a suposições sobre o que será o recheio oculto, espera um pouco para a surpresa ser mais excelente e só então os come, com discretas dentadas saboreantes.

Makarel não. Quando via um bolo avançava com raiva. Adquiria-o, furioso, e acabava com ele logo ali. Então lambia o beijo, esfregava as mãos e, satisfeito, ia à procura de outro.

Portanto, nada mais compreensível do que ver Makarel entrar, já zangado, na pastelaria Ao Doce da Malásia. Foi logo direito ao balcão envidraçado e observou o que havia, disposto a tudo.

Viu-o imediatamente. Era redondo, bem grande, coberto de creme amarelado, maligno e quase tão agressivo como Makarel.

Não hesitou.

– Este!

Apontava o bolo com o dedo, enquanto olhava imperativamente para o empregado.

O empregado pegou no bolo com a pinça e estendeu-o a Makarel, com um guardanapo de papel a acompanhar.

Makarel abriu a boca. sorriu na vingança a vir, ergueu o bolo e avançou a cabeça, com a outra mão por baixo para não sujar o fato.



O bolo saltou-lhe da mão e ficou pousado na mesa, atento. Makarel teve um sobressalto. Que era aquilo? Resistência? Atirou uma sapatada velocíssima, na intenção certa de pegar o bolo.

Qual nada! O bolo, mais veloz ainda, zás, em cima do balcão. Então Makarel encanizou-se. A ferocidade recalçada veio-lhe toda acima. Arreganhou os lábios, com os caninos à vista em agressão declarada.

E atirou um murro demolidor ao bolo e ao balcão. Acertou no balcão e partiu tudo. No bolo, não.

O bolo engrossara, estava de pé junto à porta dos Cavalheiros, fitando friamente Makarel através do creme cor de creme.

Pessoas levantavam-se, algumas cadeiras caíam, o em-pregado rugia entre os restos do balcão.

Makarel avançou para o bolo. Perdera a noção da prudência, queria comer, queria matar aquele bolo, queria destruir a coisa redonda, mergulhar as mãos até ao fundo no creme, esfrangalhar, triturar.

O bolo avançou também, determinado, num caminhar maciço. Enfrentaram-se.

Makarel atirou-se de punhos para a frente e cabeça encolhida entre os ombros.

As portas rebentaram, deixando os gonzos solitários, a montra estilhaçou-se e vomitou lampreias de ovos. Lascas de madeira tinham sido mesas, cadeiras esmagavam-se ao sopro vindo de uma fúria ciclópica.

As pessoas saíam, numa correria de alucinação. Procuravam a polícia, os bombeiros, o exército, o ministério, a presidência, até mesmo a NATO pelo telefone.

O primeiro a chegar foi Gumersindo, da charcutaria ao lado, com a tranca da porta das traseiras.

Deu uns passos temerosos, avançando com cuidado entre o desastre caótico. Tudo estava calmo, num silêncio de abismo milenário.

Lá ao fundo o bolo abominável sorria, a limpar o creme que lhe escorria ao de leve entre o açúcar. Mais ninguém, na pastelaria Ao Doce da Malésia.